

## A VISITAÇÃO E O OLHAR DE ISABEL

Ontem celebrámos a Assunção de Nossa Senhora.

Na segunda leitura, São Paulo centrava-nos no coração da nossa fé: *“Cristo ressuscitou dos mortos, como primícias dos que morreram”*. O essencial da nossa fé é perceber que a Ressurreição de Jesus não é um assunto particular da Sua vida, que só a Ele diga respeito, mas que é promessa de Vida para todos nós.

Ele é o primeiro de entre todos, o que vai à nossa frente a abrir caminho, dando pleno cumprimento ao sonho de Deus a respeito de toda a humanidade, de todos e cada um de nós! Foi isso mesmo que afirmámos no Domingo da Ascensão: a liturgia da Igreja pôs-nos a dizer (e a rezar), por mais de uma vez: *“A Ascensão de Cristo é a nossa Esperança”*, é a meta da Vida para onde todos caminhamos!

A festa de ontem foi a afirmação clara de que essa esperança já se concretizou em Maria, assumida ao Céu em corpo e alma.

Nossa Senhora ocupa um lugar único na concretização desse plano de Deus para toda a humanidade: sem o seu *“sim”* nada teria sido possível (a grandeza de Deus e o tremendo respeito que Ele tem pela nossa liberdade também se manifesta aqui. E de que maneira!...). É por isso que dizemos que é a Mãe da Igreja, a Mãe desta Vida de Deus a acontecer no coração de cada homem. E é Mãe não apenas porque lá para trás, há cerca de dois mil anos, tudo esteve dependente do seu *“sim”*, mas porque ela continua hoje, com a solicitude própria de Mãe, a cuidar de cada um de nós e a ajudar cada um de nós a gerar Cristo no seu coração. Foi essa a missão que Jesus lhe confiou quando, na Cruz, apontando para João, símbolo de todos nós, lhe disse: *“Eis o teu filho”*.

Mas Maria, por muito relevante que seja o seu lugar na nossa vida, está ao serviço deste plano de Amor de Deus. Deus é que é o protagonista. É para Ele que Maria constantemente aponta. É importante, por isso, fixarmos o nosso olhar nela. Mas não para ficarmos nela. Antes para, por ela, e com ela, nos unirmos ao seu Magnificat...

E o Magnificat de Maria, onde ela exprime em, explosão de alegria, tudo o que desperta nela a grandeza do que Deus fez acontecer nela, o Deus *“que olhou para a humildade da sua serva”*, está bem explicado pelas palavras de Isabel quando é visitada por Maria: *“Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?”*.

Por outras palavras: *“quem sou eu para merecer ser visitada por Deus?”*

Celebrar a Assunção de Maria é celebrar o maravilhamento pela grandeza do Amor inimaginável de Deus por cada um de nós. Como é que é possível um Amor tão grande deste

Deus que Se faz um de nós, nos ama até ao fim, e Se dispõe a dar a própria vida por alguém tão infinitamente pequeno e frágil, como cada um de nós?

A admiração genuína por tudo o que Deus já fez por nós, trazendo-nos até ao que somos hoje, traz também consigo o desafio de acreditar em *“tudo o que nos é dito da parte do Senhor”*.

E o que Deus nos diz hoje é que todo o caminho que já fizemos, tudo o que já conhecemos d’Ele, não é nada comparado com o que Ele preparou para nós desde sempre, desde que pensou em nós...

Mas o olhar de Isabel, sendo um olhar de fé, capaz de reconhecer a grandeza do Amor de Deus por ela, expresso na sua maternidade e na visita de Maria, é indissociável de uma grande interpelação: a capacidade de reconhecermos (ou não) as constantes visitas que Deus nos faz!

O episódio da Visitação que ouvimos ontem e tantas vezes meditámos e comentámos ao longo do ano que passou, à conta da JMJ Lisboa 2023, segue-se imediatamente à Anunciação.

São Lucas diz-nos que, depois de dizer o seu *“sim”* ao anúncio do anjo, Maria que tinha sabido da gravidez da sua prima Isabel, já de idade avançada e presumivelmente estéril, partiu imediatamente ao encontro da sua prima. A motivação primeira seria certamente partilhar com Isabel a alegria que era para ela aquela gravidez. O serviço, a ajuda no que fosse preciso, viria necessariamente por acréscimo.

A viagem, de Nazaré à terra de Isabel, próxima de Jerusalém, duraria cerca de uma semana ou pouco mais. A gravidez de Maria não ainda era fisicamente visível. Como é que Isabel reconhece imediatamente em Maria *“a Mãe do meu Senhor”*?

São Lucas explica-nos que isso aconteceu porque Isabel ficou *“cheia do Espírito Santo”*!

Cada um de nós já recebeu o Espírito Santo.

Pela primeira vez no Baptismo.

E depois, ao longo da vida, repetidamente nos outros sacramentos...

O que é que nos falta para, como Isabel, sermos capazes de *“ver”* o que só é visível pela fé, o que de outro modo nos passa completamente despercebido, mas não é por isso que deixa de ser uma visita constante de Deus, momento a momento instante a instante?

O que é que nos falta para também nós ficarmos *“cheios do Espírito Santo”*?

Falta-nos a decisão firme de, na nossa liberdade, deixarmos que seja Ele a agir em nós!

Sabendo que essa decisão também se constrói, também se treina, vive de pequenas decisões aparentemente insignificantes, sem estar à espera de grandes visões ou conversões...

Concretizando essa decisão em disciplina de vida, em momentos diários (rotinados para não nos esquecermos) de escuta de Deus, deixando-nos iluminar pela Sua Palavra de cada dia, esforçando-nos sempre por mergulhar no mais íntimos de nós mesmos, alimentando as aspirações e os nossos sonhos de Vida em abundância que Deus semeou em nós, e nunca desistindo de olhar com profundidade tudo o que acontece à nossa volta...